

Reflexões sobre critica de arte

Por OCTAVIO MOREIRA

Professor da Escola de Bellas Artes de Pernambuco.

Nesta quasi metade de século, que, através de multiplas formas, se vem caracterizando, mesmo a observação menos avisada com todas as detalhadas circumstancias que perfilharam a Idade Média, assistimos o singular espectáculo de revalorização incessante, ás vezes paradoxal, dos attributos éticos e intellectuaes, os quaes são estimados conforme ás exigencias e imperativos de situações politicas; deste século, repetimos, riscado em todas as direcções pelas mais oppostas e contraditorias ideologias, mal-fadado legado de encyclopedismo incoherente e revolucionario dos séculos 18 e 19, assomam, com seus aspectos rudes e selvagens, as mesmas interrogantes e problemáticas perguntas que a mesma Idade Média dirigiu aos seus povos.

Em todos os sectores da actividade humana, sem distincção de categoria, classes ou hierarchias, presente-se uma indistincta ansia de renovação, um afan vertiginoso de consecução de valores novos o que acarreta o não menos indistincto menoscabo de certos padrões tradicionaes, imprimindo um sentido inedito aos factos, o que faculta o deploravel vezo de insensatas comparações, como occorrem, principalmente, nas manifestações artisticas em geral, que são atradas, com desprimor, a condições secundarias, comparações que nada mais traduzem que uma completa incompreensão dos legitimos motivos que orientam o homem os quaes são desviados para finalidades evidentemente artificiaes, desde que não acertam com o objectivo a que se destinam, e que tem o sineto de confusão que esse estado de coisas vem imprimindo.

A Technica e a Idéa se defrontam em busca de um ponto de apoio ás suas exigencias, cada uma procurando legitimar seus direitos exclusivos, entretanto não é licito, não é justificavel, que se conclua pelo prevalecimento de uma sobre a outra, como ocorre no momento presente, em que nos sentimos fustigados por uma rajada de concepções materialistas, visando-se na tecnocracia, a SURSUM CORDA de todas as experiencias. Não se discutem os argumentos invocados, através dos quaes se vislumbra a mesquinha unilateralidade em que se collocam ante o conjunto cultural, mas deplora-se o desnivel em que se encontram, constituindo-se em verdadeiras antinomias, quando o contrario, verificado pelo equilibrio desses factores, é que representa a mais solida harmonia, e constitue a méta das aspirações humanas. Quando Berdiaeff diz que precisamos retornar, no terreno religioso, á fase rigorosamente christá das catacumbas romanas, onde a exélsitude do pensamento de Jesus teve a mais solenne, dramatica e eterna confirmação pelas scenas de sangue, pelos martyrios que os fiéis suportavam, focaliza uma das facetas da inquietação presente, e a identidade de conclusão apresentarmos, para neutralizar a viciosa superestimação dos valores technicos, hypertrofia que, como tal, morbida, outro vicio que seria a exclusiva preocupação moral, religiosa ou intellectual. A época trepidante em que vivemos imprime substancialmente á existencia essa falta de direcção ou melhor esse excesso de designios...

A arte de hoje não é melhor, não é peor que a que tem sido na historia de todas as civilizações, todos os povos um inconcusso testemunho de sensibilidade, de imaginação, fiel registro da alma e intelligencia, mas tão somente a Arte de um tempo que se traduz pela irremovível angustia em todos os espiritos, de um momento caracteristicamente inamoldavel a Canons e tradições, subversivo em ritmo, sem ordenação de escola, sem principios academicos. Si a Arte, meio de expressão como é, que reflectir, pormenorizar nuances sentimen-

taes, affectivas, e deixar inscripta em suas infinitas manifestações tudo que constitue um patrimonio cultural, é por esse angulo que tem que ser vista e examinada a situação, precisando-se tornar clara, intuitiva, a noção scientifica desse sentido totalizador da existencia e frisar que os factos guardam entre si uma absoluta sequencia de causas e fins, não se compreendendo a individualização si não como élo de um todo.

Tem cabimento a citação de um periodo de Gustavo Le Bon: "En todos los respectos que impliquen el estudio de una civilización, las obras de arte nos ofrecen testimonios verídicos. Puede decirse de una manera general que las obras de arte expresan las ideas, las creencias, las aspiraciones, y las modas mismas del tiempo que las produce".

Isso de uma maneira meridiana confirma o juizo a respeito da relação integral entre a Arte e a forma de vida, como diz Spranger, relação que forma um todo articulando todas as contingencias individuaes e cosmicas.

Si bem attentarmos ás prudentes reflexões de Licínio Cardoso quando procura estabelecer liames rigorosos entre a Arte e o conjunto de factores que a envolvem, não poderemos deixar de reconhecer que a Obra de Arte representa uma das faces do "complexus" que é a civilização. Pergunta-se por que motivo a Arte Moderna (o termo moderno não deve ter outro sentido que o de actual) não tem creado obras que possam ser niveladas ás maravilhosas geniaes produções da Renascença. Oculos pergunta desde que reconhecemos que esse apparente contraste entre a escassez das manifestações artisticas actuaes e o requinte a que attingiu a nossa civilização, não milita contra a Arte e sim photographa a realidade de uma situação em que o valor artistico se orienta no determinado sentido que o momento lhe imprime.

Si a majestade, a grandeza de um testemunho artistico é o mais insuspeitado ponto de referência ao provisionamento cultural de um povo, observamos que os salões actuaes se ressentem de um "grande publico de qualidade" para reduzir ás proporções restrictas, o espectáculo, ás elites de sensibilidades proprias, robustece o conceito, scientifico, e a procedencia das reflexões em que hoje se baseia o juizo critico, reconhecendo os infinitos substitutivos da Arte que se afasta do primitivo estado para saudar a nova Civilização, impaciente, e aventureira, com as suas immediatas obrigações, transformando-se, adaptando-se. O momento tem iniludivelmente a sua Arte, obediente á trilogia conceptual: bella, verdadeira e boa, porém, consoante a interdependencia estabelecida, conclue-se, dadas as condições mecanicas em que nos achamos, pela propria (mecanização da Arte e o cinema flagrantia a coherencia desse confronto.

A pressa do tempo presente, de conclusões rapidas, de syntheses esmagadoras, inhiibe longas contemplações, cercela meditações exaustivas e numa phase, como a presente, em que se procura medir através de testes psicologicos a capacidade intellectual, como qualquer grandeza mensuravel arithmeticamente, não se pode exigir da Arte senão o que humanamente ella possa fornecer dentro da equação estabelecida pela sua propria condição de meio de expressão, de traço de união entre o homem e a Natureza. O affirmar-se que ella não progride ou que não evolve pelo facto (visivel) de escassez, de produções pictoricas, esculptoricas, desobedientes a ditames academicos e sobretudo pelo accentuado individualismo estilistico, é ignorancia que attinge a má fé desde que se procura por um paralelo en-

tre o homem sensitivo das cavernas e o cerebral do século XX.

Pode-se comparar o valor e expressão artistica de um "menhir", de um "dolmen", de um obelisco, da Esfinge, das Piramides, transitando pelas luminosas inspirações de Ticiano, Rembrandt, Velasquez, ao cinema, ao radio fundamentando-se apenas em condições exteriores, sem outro ponto de referencia que o teor apparente de adornos e cores ou a artificiosidade da technica?

Que sentido teve a Arte entre os caldeus e assirios? Bellico marcial, intransigentemente guerreiro; entre os egypcios? a morte, a eternidade; entre os romanos? com a grandeza de suas construcções monumentaes? Poder, dominio, entre os gregos? Beleza.

Que sentido possuiriam para a nossa sensibilidade as estatuetas com que os fenicios causaram a admiração dos povos mediterraneos? Porque motivo a Inglaterra foi avara para o scenario artistico mundial a ponto de Macaulay considerar icto "falta de uma emotividade hereditaria"? Finalmente, a arte de hoje, pelas correntes de preciosismo? cubismo e outros é tão exacta como a dos primitivos, porque entro desse criterio que forma o estudo actual, evidentemente scientifico, essas correntes, essas escolas pequenas, são expressões relativas actuando como funções, no confronto dos muitos factores que convergem para a sua confirmação, como arte.

Consciente do alcance de uma critica, justa, que se afasta de gestos imprudentes de admiração proprios dos que apenas se limitam a ver sem sentir é que nossos esforços se concentram nessa finalidade de observação em que a alliança da estesia com a razão se sintetise num julgamento precioso e domeo. Assim é tambem essa arte-reclame, que sabemos ser o reflexo de intensa paixão politica, como ocorre no momento no bolchevismo, em que o braço do artista tem que soffrer o mais incisivo controle pela fiscalização sovietica e adaptada a obra ás menores conveniencias do regimen, como tambem os sultão, a invasão de nouveaux-riches, de artistas de modalidades de expressão que confirmam o instante crepuscular, transicional, que atravessamos, outrosim na Italia, França, Alemanha, porém não deixando, entretanto, de oferecer possibilidades de exame e interpretação criteriosa e nos proprios programmas architectonicos de cidades lineares, em que os planos audaciosos de Le Corbusier procuram alliar á belleza, altos interesses estrategicos, a visada critica deve surprehender a "oportunidade" do conjunto, sua rigorosa sintonização com as mais elementares disposições rítmicas do ambiente e da época. Como comprehender a diversidade da critica parisiense quando Claude Monet expunha seu Impression, em 1874, que o investiu sem restricções, para 15 annos depois recebido com a mais retumbante consagração?

Seria ridiculo suppr que o homem se excepcionalizasse ante ás influencias mesologicas (cosmicas, teluricas) quando a propria ciencia procura, em judiciosas investigações que está provado a conexão cabal existente entre todos os elementos.

O contraste que se observa actualmente entre a arte e o correntio desprestigio que parece ter, decorre desse disequilibrio trazido de noções velhas que aferiam valores por um padrão commum, aprioristicamente estabelecido e o novo senso critico que reformando antiquados systemas de julgamento prevalece-se de um conceito puro, apoiado em indiscutiveis preceitos, estritamente scientificos. A pressa, a vertigem, a rapidez, que caracteri-

sam a nossa época, atirando-nos de roldão as enxurradas dos acontecimentos, uma rotação de negativas e affirmações que estarrecem qualquer mediano observador dos factos sociaes, uma noção proxima e immediata da vida, profundamente sentida e escassamente pensada, constituem os traços que definem esse momento, dando-lhe os contornos, precisando-lhe sua significação. E a arte o melhor repositório do sentimento, das tendencias, da moral de um povo, que regista com fidelidade as menores oscillações da vida do homem como de sua fé "sofre" a penuria dessa época que se está affirmando como um 2.º capitulo da idade média. Poderia o artista tomar attitudes hostis, fugindo a realidade ou factos, insulando-se no mundo de suas illusões, para enfrentar depois uma realidade aggressiva ás mais insignificantes velleidades de seu espirito? entretanto onde o artista e onde o cientista possam acalantar seus anseios, seus vitais appetites de conhecimentos senão longe, inattingido pelo rumor das paixões e interesses profanos, no calido refugio dos seus observatorios?

Não posso acatar a opinião de Ulysses Paranhos quando diz que "O homem moderno tem um horror anormal á solidão" desde que é forçado reconhecer nesse elemento um forte factor de reajustamento ás nossas tendencias dispersas pela infinita cadeia de sollicitações e appellos e o sentido physico desses factos não pode justificar essa opinião verificando-se que o pathos da cultura actual, pelo menos no Occidente, desperta possibilidades, exigencias novas, transformando a significação dos factos ao sabor dos imperativos de cada instante historico. A solidão, synonymo de deserto é inapplicavel pois que forçoso e reconhecer que mesmo a Arte pela arte como hoje se faz tem que encontrar no recesso de ambientes afins o melhor e mais seguro resguardo ás insinuações profanas. O shy-scrapper, symbolo de uma democracia" como chama Licínio Cardoso, habitação collectiva norte-americana, não corroborara a necessidade do homem social, do desprezo do momento de busca de si mesmo, e a mera disposição circumstancial não affirma nem infirma semelhantes conclusões.

O desapego á estylos architectonicos catalogados, indifferença a determinadas escolas não é a melhor demonstração do empenho em que se encontra o homem actual de não se deixar escravisar por nenhuma formula exterior, e apenas pelas suas caprichosas inclinações?

A arte é uma technica, no mais amplo sentido aplengleriano e como tal tem que guardar estreitissimos e inalienaveis laços de dependencia e subordinação ao todo, ao conjunto de factores, meio physico, economico, recursos materiaes, religiosidade e quando um juizo apressado e leviano diz que a arte agoniza desconhece a legitima fonte em que ella se dessedenta e muito mais não tem a menor comprehensão de entrelaçamento, olhando-a como individualidade distincta e inattingida pelas mutações geraes, esquecido de seu fim: apprehensão da Verdade, pela emoção.

O barroco, o rococó attestam com eloquente probidade a procedencia dessas reflexões, informando-nos de transitoriedade da Arte. A segurança, permanencia e fixidez de linhas em determinadas culturas exprimem correlativamente, identidade de condições nas outras actividades e o estylo em que se modela uma determinada arte perfilha indubitavelmente a alma, o sentir, as mais detalhadas aspirações, todo esse conjunto de condições psychologicas que definem as disposições moraes, intellectuaes de um povo, de uma cultura, como entende Ratzel.